

# Odmar Braga e os seus Rekodros: uma poesia de longe em uma língua ainda viva

---

**ALESSANDRA DOLCE**

Universidade de Murcia

Universidade Federal de Pernambuco\*

## Introdução

Odmar Pinheiro Braga é um poeta sefardita de Pernambuco no Brasil.

Não é exagerar apontá-lo como um dos principais nomes da poesia brasileira contemporânea, além de dramaturgo, produtor cultural, conferencista, coordenador executivo e membro fundador da Casa do Poeta Brasileiro de Recife.

Sua trajetória artística tem início na década de 1980, tendo influências expressionistas e simplicidade conceitual: no momento mais recente de sua carreira focaliza-se na poesia escrita em ladino<sup>1</sup>, para cuja realização utiliza o domínio perfeito do idioma falado pelos judeus de origem sefardita provenientes de Portugal e Espanha, já praticada em outros livros de sua autoria e também ao longo de seus mais de 30 anos de poesia.

O escritor francês Nathan Wachtel oferece no seu livro *La foi du souvenir*<sup>2</sup> um lindo retrato dele:

Odmar Braga impose une forte personnalité, un charisme évident. Haute statue, corpulence massive, regard vif, qu'adoucit un sourire espiègle, découvrant une incisive

---

*N. E.: Considerando o interesse da temática e do testemunho, decidiu-se manter a transcrição da entrevista o mais fiel possível à forma como foi captada, com o intuito de manter a riqueza da oralidade e o modo como a memória de certos acontecimentos históricos é perpetuada.*

\* Bolsista (Programa Erasmus Mundus Cruz del Sur).

<sup>1</sup> Judeo-espanhol e ladino são quase sinónimos mais há que esclarecer que o primeiro termino, mais recente, é para indicar a língua usada pelos sefardies: ladino era para indicar um muçulmano, um judeu que falavam a língua espanhola medieval derivada do latim: hoje indica a língua usada pelos judeus.

<sup>2</sup> Nathan Wachtel, *La Foi du Souvenir – Labyrinthes Marranes*, Paris, Ed. Seuil, 2001, pp. 262-263.

supérieure largement ébréchée. Autour du visage aux traits arrondis, une courte barbe, qui ne suffit pas à lui donner l'allure d'un juif orthodoxe, Odmар parle d'abondance, avec une éloquence naturelle: il aime asséner des aphorismes péremptaires, sur un mode répétitif, tout en maniant volontiers l'humour, imprimant à tous ses propos une extraordinaire intensité. Même dans la conversation privée, il adopte spontanément le ton du sermon et se lance dans de longs monologues, qu'il entrecoupe néanmoins d'éclats de rire joviaux. Mais il sait aussi écouter, dire les choses simplement, d'un ton mesuré en même temps que chaleureux. Hauteur de vues, générosité, exigence morale: dans son discours comme dans son comportement transparait, lumineuse, une rare qualité humaine. [...]

Son autre vocation s'accorde davantage à sa sensibilité religieuse, car il est aussi, et surtout, poète: ses sonnets et madrigaux, composés en portugais et en ladino, chantent l'amour de Dieu, la mémoire marrane, la beauté des fleurs et des femmes. [...]

A des siècles de distance, l'on croit entendre 'écho des aphorismes de Francisco Botello. De fait, l'exigence première pour Odmар se définit, essentiellement, par la fidélité à la tradition des ancêtres, mais il sait aussi que les temps ont changé, de sorte qu'il instaure une claire distinction entre sa propre génération et celle de ses enfants: comme chez Barros Basto, le thème de la rédemption (resgate) joue un rôle central dans sa pensée religieuse.

Odmар Braga é uma voz que vem de longe, é uma voz que conta histórias acontecidas em terra de Sefarad, desde a presença milenar dos judeus na Península ibérica, até a sua expulsão dessas terras de Portugal e Espanha em 1492, seguida pela história da chegada dos judeus marranos no Brasil – através da passagem dessa tradição ao longo dos anos, através dos conflitos, da memória, e acima de tudo da poesia escrita em língua ladina.

A sua pesquisa cultural e linguística foi difícil porque não é coisa fácil seguir o caminho dos sefarditas, uma vez que os mesmos cripto-judeus, eles tinham muitas vezes que manter a sua identidade secreta por medo, acima de tudo, da Inquisição promovida pela Igreja Católica que os forçava a mudar de lugar e a se moverem de cidade em cidade a cada vez que o braço inquisitorial da Igreja podia detê-los.

A Inquisição estabeleceu postos em toda a Europa e até no Novo Mundo mais o destino dos judeus que emigraram para o Brasil foi diferente, pelo menos por um tempo, pela sua situação política que viu os Países Baixos ao subirem ao poder, deixarem esses judeus perseguidos pela fé católica, professarem a sua fé com mais liberdade (deixaram mesmo eles, os judeus sefarditas e os marranos, eles erigirem uma sinagoga em Recife, a primeira das Américas, em 1636).

A inquisição veio ao Brasil em 1654, quase um século mais tarde do que aconteceu com as colônias espanholas.

Para uma comunidade que é forçada a se fragmentar em quase todos os cantos do mundo, a sua sobrevivência como grupo está ligada com vigor à sua língua. E, para que ela própria não desapareça, então, uma hibridização linguística mesmo é a principal fonte de sua riqueza.

Evidentemente, existem muitas influências, misturas e empréstimos de acordo com o país «acolhedor», e, no caso do judeu-espanhol essas influências são multiplicadas e a língua se expande em diferentes culturas.

O espanhol, que já teve suas variantes regionais, modula o hebraico e então mistura elementos franceses, italianos, turcos, holandeses, portugueses, etc.

É possível falar de uma *koiné* linguística que viajou e sobreviveu ao tempo, para, além de lugares e perseguições. Até hoje temos muitos exemplos claros de uma língua que ainda é falada, onde o quadro histórico e cultural se transforma em tal peculiaridade que ele mesmo determina parte do fenômeno de se pertencer a um determinado grupo que é a sua própria língua.

A entrevista a seguir aconteceu no Café São Braz localizado no Shopping Boa Vista, no bairro de Boa Vista, no município de Recife, Estado de Pernambuco, no dia 8 de novembro de 2016, às 15h00.

A conversa com o poeta Odmara Braga e os membros da Associação Sefardita de Pernambuco, Jefferson Linconn e Aleksandra Serbim, foi a respeito de muitos temas relacionados com a presença sefardita no Nordeste de Brasil, mas, acima de tudo, o seu papel cultural, histórico e literário.

## Participantes

**Odmara Braga:** poeta

**Jefferson Linconn:** Presidente Associação Sefardita de Pernambuco

**Aleksandra Serbim:** Vice-presidente da Associação Sefardita de Pernambuco

**Alessandra Dolce:** Doutoranda da Universidade de Múrcia

**Alessandra:**

Olá, bom dia a todos e muito agradecida por aceitarem o meu convite para fazerem essa entrevista. Então, na biblioteca “Carmen de Burgos” do Instituto Cervantes de Recife, fazendo uma pesquisa sobre a presença de textos em judeo-espanhol no Brasil, encontrei o livro *Rekodro de mis Rekodros*.

(Seguiu-se que nós fomos falando daquela sua obra que ali estava comigo, e disse ao poeta Odmar Braga que eu gostaria que ele próprio me fizesse no livro de sua autoria uma dedicatória).

Gostei muito dos versos de Odmar Braga, do seu jeito hispânico e muito apaixonado. Há uma força sentimental incrível neles.

**Odmar:**

Algumas pessoas dizem que sou «gongórico», porque a minha poesia lembra a poesia de Luís de Góngora.

**Alessandra:**

Sim, sim, efetivamente não tinha notado, mas há muitos elementos que lembram Góngora, onde um elemento peculiar, entre outros, é uma crescente tensão.

**Jefferson:**

Eu sou um dos críticos do trabalho literário de Odmar Braga. Compreendo o que você está dizendo. Essa ascensão é uma marca do trabalho dele. Acredito que exatamente por essa característica, hoje ele é, sem nenhuma sombra de dúvida, um dos maiores poetas de Pernambuco.

**Odmar:**

Quando eu estava vindo para cá, lembrei do Sertão. Quando eu estava vindo para cá, lembrei-me do bom tempo no Sertão. E, escrevi uma poesia agora.

[ele entrega um papel com uma poesia]:

*poezias son ojas  
ke bolan  
al ayre*

*i en kuyo delirio  
se van a murir.*

**Alessandra:**

Essa poesia é em Judeu-espanhol, como *Rekdro de mis Rekodros*. A minha pergunta é se há outras obras suas nessa língua?

**Odmар:**

Sim, tem *Viduy*<sup>3</sup>, publicado em 2014, com o prefácio da professora Matilda Koen-Sarano da Universidade Hebraica de Jerusalém, que é uma autoridade internacional em Ladino

**Alessandra:**

Então, essas são as obras em Ladino. Mas as outras obras são em português?

**Odmар:**

Sim, mas as obras em português são para o teatro... eu também sou dramaturgo.

**Alessandra:**

Mas, seu trabalho de dramaturgo é em português ou é em espanhol?

**Odmар:**

Há uma obra que me persegue há 17 anos. Eu não consigo acabá-la. O título é *Brúria*, a história de uma moça, uma judia que vem do leste da Europa, e aqui ela se apaixona por um rapaz de Pernambuco, que é do Sertão. Ele pertence a uma família de tradição cristã-nova.

**Alessandra:**

É uma história autobiográfica?

**Odmар:**

Calma, o pai dela chama-se Meir Blinder: “Blinder” significa “cego” em ídiche, enquanto que “Meir” significa “iluminado” em hebraico. Como pode ser iluminado um homem cego? E “Brúria” faz relação com a filha de um grande

<sup>3</sup> Odmар Braga, *Viduy: poemario en djudeo-espanyol/Odmар Braga: presentación Matilda Kóen-Sarano*, Recife, Ed. do Autor, 2014.

rabino, Meir HaNess. Beruriah (a filha do rabino) suicidou-se, ela era muito “sábua” inclusive é citada no Talmude, ela era única. Mas dizem que a mesma havia se apaixonado por um rapaz e seu pai não aceitou, por isso, suicidou-se. Outros dizem que era a própria esposa do rabino. É toda uma trama, que o pai não quer aceitar o outro. Assim, é toda uma questão de alteridade, onde verdadeiramente nós nos tornamos prisioneiros de nós mesmos e não vemos o Outro como ele é, com suas necessidades, com todas as suas escolhas. Então, queremos conduzir, por vezes, a vida desse Outro que não é nunca a gente, e, embora, oriundo de nós, como os nossos filhos, por exemplo, e, então eles devem arcar com as consequências das suas escolhas, pois são prisioneiros delas. Entende?

**Alessandra:**

Sim, entendo.

**Odmir:**

Então, a construção desse drama é do tipo trágico. Mas ocorre que é um alerta. Afinal, não somos senhores de nós mesmos. Nós não somos senhores das nossas histórias, sequer das histórias de nossos filhos. Como disse Gibran Khalil: “nossos [filhos] são filhos das vicissitudes da vida, não são peças de um teatro de marionetes que nós conduzimos”.

**Alessandra:**

Achamos que temos a ilusão do controle.

**Jefferson:**

É o fado português na sua última instância.

**Alessandra:**

E a decisão de escolher a língua judeu-espanhol? É por que era uma lembrança de quando você era criança, ou você a aprendeu mais tarde?

**Odmir:**

Muito bem. Eu vivi mundos no mesmo lugar. Como assim?! As pessoas iam às casas das outras e diziam: “Vosmecê me dá licença?”. Hoje dizem “você”. Hoje dizem “pro mode”, que é totalmente ladino. Os nordestinos dizem com muita frequência, e isso significa “por causa de”. Outro exemplo: “arriba”, “em

cima de”. Até, as pessoas do Sertão dizem “entonces”. Então, como é que você tem um tipo de linguagem que está morrendo, desaparecendo por causa do meios de comunicação, onde a televisão chegou, uniformizou, destruiu um idioma que existia há séculos? Nós temos, no Sertão, um canto pastoril, o chamado Aboio.

**Alessandra:**

Você veio do Sertão?

**Odmар:**

A minha família vem em parte do Sertão.

**Alessandra:**

Mas você nasceu em Recife? E a sua família é originária de cristãos-novos. Ou o quê?

**Odmар:**

Vou lhe dizer... De dezesseis trisavós, dois não eram de origem cristã-nova, dois eram do Norte de África. Por isso essa cara. Mas as mulheres eram. Minha trisavó se chamava Ana Veríssimo. A família Veríssimo era uma família tradicional. Num livro, que é uma tese de doutoramento recente, *Histoire des juifs portugais*<sup>4</sup>, está lá o meu nome e a ligação com o primeiro Braga. Isaac Braga, era rabino, filho de um rabino de La Coruña, Espanha. Ele, Isaac Braga, passou para Portugal na perseguição e assumiu o sobrenome Braga.

**Alessandra:**

Então o judeu-espanhol é como uma segunda língua para você, ou estudou para aprendê-la?

**Odmар:**

Ouvindo as pessoas dizerem “pro mode”, “entonces”, “arriba”. Aí, você vai dizer que aprendi isso na escola?

**Alessandra:**

Por que a maneira de escrever o seu judeu-espanhol segue as regras ortográficas e gramaticais?

---

<sup>4</sup> Carsten Wilke, *Histoire des juifs portugais*, Paris, Ed. Chandeigne, 2007.

**Odmар:**

A questão básica não é essa. Ele [Jefferson] me disse há alguns anos: “Odmар, você escreve literatura espanhola, mesmo que o que esteja escrito seja em português, pois a sua literatura tem a melodia, tem a cadência hispânica”.

**Jefferson:**

Ele é barroco, isso, barroco no melhor sentido. Introspectivo e saudosista. Isso, não tem tempo, ele está no século XVI tranquilo, com a literatura dele. É muito complexo isso.

**Alessandra:**

Mas, desculpa se insisto. Você estudou judeu-espanhol?

**Odmар:**

Não.

**Alessandra:**

Nunca!?

**Odmар:**

O importante não é a forma e sim o conteúdo. Dessa maneira, existem outras pessoas que falam e escrevem em ladino.

**Alessandra:**

É possível falar de um movimento de escritores em ladino em Pernambuco/Sertão?

**Odmар:**

Não. Um fenômeno, sim. Melhor falar de pessoas isoladas.

**Alessandra:**

E não seria possível juntar essas pessoas em um movimento comum poético literário?

**Odmар:**

Ah, eu gostaria.



**Alessandra:**

Eu também.

**Jefferson:**

A gente gostaria. Até se tentou fazer isso, um encontro de artistas e de escritores de origem cristã-nova que escrevam e que falem dessas e sobre essas tradições e influências ibéricas na cultura de Pernambuco e de todo o Nordeste do Brasil também, ou seja, em se promover e realizar um encontro desses artistas e escritores aqui no Recife, e, quando fosse possível, também em Jerusalém, em Israel.

**Odmар:**

Eu recebi um convite para lançar esse livro em Israel, mas não consegui a liberação de passagens por parte de nenhum órgão público e nem de um patrocinador privado.

**Jefferson:**

Porque o governo não se preocupa com os escritores, nós sofremos muito disso. As coisas em Pernambuco, o próprio estado, no entanto, é megalomaniaco em muitos aspectos, mas em relação ao apoio aos seus grandes escritores, como no caso de Odmар Braga, não se tem nenhum apoio institucional para que ele possa ir apresentar o seu trabalho, nem dentro do país, nem lá fora. No sentido de Pernambuco ter essa admiração enorme e esse gosto intenso pelo mundo hebreu é que temos, por exemplo, Nova Jerusalém, localizada em Brejo da Madre de Deus, próximo a Caruaru, no Agreste Pernambucano, e, nele, todo ano ocorre a encenação da Paixão de Cristo durante a Páscoa cristã, no “maior teatro ao ar livre do mundo”, que ele, o governo de Pernambuco, sempre apoia.

**Alessandra:**

Entendi. Outra pergunta para Odmар: quais as suas influências literárias? Porque em muitas obras de autores sefarditas do século XVI e XVII há uma influência italiana.

**Odmар:**

Sim, há muito. Tem muito, isso é verdade. Agora, de fato, eu recebi uma biblioteca quando meu pai faleceu, que era dele, que era do meu avô, que era do meu bisavô e que tinha obras do meu trisavô. Eu tenho obras em francês, de

filósofos alemães. Recebi do meu avô obras de Gil Vicente, tudo no português de quinhentos anos atrás. Amadis de Gaula. Romances de cavalaria. Tudo mais.

**Jefferson:**

E livros escritos em judeu-espanhol?

**Odmар:**

Não, porque eram em português de 500 anos e, junto ao espanhol de 500 anos, você quase não vê diferença.

**Jefferson:**

A diferença entre eles estava apenas na tonalidade, quase sempre.

**Odmар:**

Eu fui mais inspirado em poetas portugueses. Por incrível que pareça

[...]

**Jefferson:**

Ser poeta é difícil.

**Odmар:**

Por que é difícil?

**Alessandra:**

Por exemplo, na construção métrica. Nas citações de outros modelos, como as jarchas. Como você aprendeu?

**Odmар:**

Não lembro. Muita coisa produzi no meu inconsciente. Eu sonhei com o poema, acordei pela madrugada e escrevi, fui dormir. E sonhava de novo com o poema, escrevia o poema. Chegou ao ponto de, um dia, ter revisado um livro 347 vezes, colocar para a publicação e ir dormir. Aprovar a publicação. Quando dormi, sonhei que no segundo caderno havia um erro. Acordei, fui até à editora e perguntei: “O segundo caderno foi editado?”. “Ainda não”. “Tem um erro na página tal, parágrafo tal, e o erro é tal”. Então, é muito desse oceano cambriano

que está no inconsciente da gente, quando sonhamos. Às vezes a gente escreve assim, mas não é produto do consciente. Como dizia um filósofo francês [Odmар não lembra o nome dele]. A arte: todas as suas expressões são construções de formas simbólicas e a sua ligação com o real talvez seja mais produto do crítico do que do autor. O fruto da construção simbólica, de uma forma simbólica do teu inconsciente, talvez de um inconsciente coletivo que passou dos seus bisavôs, avôs, e que flui em você.

**Alessandra:**

Se pode falar como onírica? Você não viveu na época da Inquisição, mas ao ler parece que viveu nessa época.

**Jefferson:**

Mas esses antepassados vivem em nós.

**Odmар:**

O rabino Sebag<sup>5</sup> disse há vinte anos atrás: “Por que você nasceu Odmар? Para resgatar o que seus antepassados viveram”. Então, o que ocorre? Ocorre que existem diversas formas de expressar a identidade. Alguns expressam sua identidade religiosamente. A gente respeita. Outros através da arte, como por exemplo o mestre da luz, Caravaggio. Então, falar de Artes Plásticas sem falar de Caravaggio é falar de Literatura Espanhola sem citar Cervantes, e falar de Literatura Portuguesa e não citar Camões.

**Jefferson:**

Talvez seja o questionamento da arte literária. Aonde você se torna demarcador.

**Odmар:**

As pessoas querem criar modelos de história. Pensam em réplicas. Modelos que se repetem permanentemente. O religioso tem que ser assim. Eu sou diferente, minha forma de religiosidade é diferente.

---

<sup>5</sup> Rabino Hagon Harav Joseph Sebag Shelitá, membro do alto rabinato de Jerusalém (Israel). Em sua segunda passagem pela cidade de Recife (em julho de 2008), o rabino disse que veio visitar o local onde funcionou a primeira sinagoga das Américas Kahal Zur Israel.

**Jefferson:**

As pessoas querem porque querem que ele seja um judeu apenas, digamos, de sinagoga. E ele não o é, e dizem que isso é semi-profano. Assim, levando em conta os evangelizadores, que eram poetas, Odmар é um bom judeu por ser poeta.

**Odmар:**

Essa é a questão, existem formas distintas de expressar a identidade judia. Através da Artes Plásticas, da Literatura, da Música, do pensar filosófico, através da reconstrução da própria história. Os brasileiros são cegos, que não conseguem ver a sua origem sefardita. O aboio é um canto pastoril árabe, só que quem o trouxe foi o judeu sefardita. O aboio é uma canção de improviso, com métrica e rima. Chega no fim da tarde, ele chega diante da caatinga<sup>6</sup>, o gado está escondido, ele canta um aboio, ele canta uma poesia, os animais vêm. “Aboiar”, “tanger”. Canto pastoril na intenção de arrebatar e de guiar os animais. Só que aqui, como no Norte da África, como no Oriente. Porque o bode aqui, o cabrito, eles vivem sozinhos, eles saem a hora que querem, eles voltam a hora que querem, eles não precisam de ninguém para sustentá-los.

Exemplo de aboio:

*pelo chão seco da vida  
escorre um rio de aflição  
águas só de amargura  
lágrimas no coração.*

**Alessandra:**

Você compôs isso agora?

**Odmар:**

Agora mesmo.

(Jefferson recita a canção “Boiadeiro”, de Luiz Gonzaga)

<sup>6</sup> Caatinga (do tupi: *ka'a* [mata] + *tinga* [branca] = mata branca) é o único bioma exclusivamente brasileiro. Este nome decorre da paisagem esbranquiçada apresentada pela vegetação durante o período seco: a maioria das plantas perde as folhas e os troncos tornam-se esbranquiçados e seco (fonte Wikipedia).

Boiadeiro – Luiz Gonzaga.

*De manhãzinha quando eu sigo pela estrada  
minha boiada pra invernada, eu vou levar,  
São dez cabeças, é muito pouco ou quase nada,  
Mas não tem outras mais bonitas no lugar.  
Vai, boiadeiro que o dia já vem,  
leva o teu gado e vai pensando no teu bem.*

*De tardezinha quando eu venho pela estrada,  
A fiarada tá todinha a me esperar,  
São dez fiinho, é muito pouco, é quase nada,  
Mas não tem outros mais bonitos no lugar.  
Vai, boiadeiro que a tarde já vem,  
leva o teu gado e vai pensando no teu bem.*

*E quando eu chego na cancela da morada  
Minha Rosinha vem correndo me abraçar  
É pequenina, é miudinha, é quase nada,  
Mas não tem outra mais bonita no lugar.  
Vai, boiadeiro que a noite já vem,  
leva o teu gado e vai para junto do teu bem.*

Então, Salvador Soler estudou essa presença sefardita, que reverbera no que Ariano Suassuna buscou como uma espécie de renascimento recriado em Pernambuco, ao qual ele o denominou de “Movimento Armorial”. Em contraponto à cultura promovida pela civilização açucareira, litorânea, a cultura de origem ibérica é promovida sobretudo a partir da «Civilização do gado», interiorana e do Sertão.

**Odmар:**

Eu não sou armorial.

**Alessandra:**

Muito interessante, mas voltando ao *Rekodro de mis rekodros*, qual o poema que você gosta mais?

**Odmar:**

Alguém que saiu deste mundo, mas que jamais, do meu coração. Página trinta, última estrofe. Poema: *Díáspora*.

*A ti  
Debo los arrelumbrados  
Ojos de la luna  
En la orilya de mi dezierto  
Las solombras perfumadas  
De las oliveras  
Ke baylan al viento  
I esta Nefesh lehud esperansada  
De arrekojer palpitante  
En el oriente  
De mi korasón.*

**Jefferson:**

Ele fala da arte de escrever, ele diz que na verdade ela se esgota quando não é capaz de se repetir, porque o artista se torna variações sobre o mesmo tema. Então isso é a técnica, o estilo. Contudente. Ele fala diversas vezes da mesma coisa. Se você conhece um livro de Odmar, e vê outro livro, mesmo que lhe ocultem sua autoria, num certo sentido e sabidamente você dirá: eu conheço esse autor.

**Alessandra:**

E qual é o seu rekodro mais importante?

**Odmar:**

*El kamino.  
  
Erguele  
en mi alma  
el lamento de los siglos  
egzilio ke no akava  
ferida ke no se sana  
lágrima ke no se anshuga,*

*la dolor*  
*i el amor*  
*de nuestro pueblo.*

**Alessandra:**

Que engraçado, “anshuga” em italiano é “asciuga”. E como escolheu essa grafia?

**Odmар:**

A grafia é do judeu-espanhol de Tessalônica, que eu ouvia. Eu tinha que fazer uma opção, porque se eu escolhesse uma grafia de Marrocos, teria que escrever em uma grafia árabe e eu não queria isso. Na Turquia e na Tessalônica mantiveram um espanhol antigo, o mais antigo.

**Alessandra:**

Como você descobriu isso?

**Odmар:**

Eu cresci com uma família, meus amigos de Tessalônica.

**Alessandra:**

E como eles chegaram aqui [no Nordeste brasileiro]?

**Odmар:**

Eles vieram para cá há três, quatro gerações atrás. Um dos quais nem sabia que era judeu, nem que era de Tessalônica. A avó deles nunca lhes contou e quando estava morrendo lhes disse: “Chame o rabino porque sou judia”. Quase que o pessoal enlouquece. Você conhece esse madrigal ?

*Tu*  
*Distansia*  
*Luna ke agoniza*

*Dolor*  
*Ke alastrarse*  
*Mar*  
*Ke aogase.*

*Tu*  
*Auzénsia*  
*Vaziyo ke no se arta*  
*Sol ke no kalienta*  
*Anyuda*  
*Ke no se dezata.*

*Eskarinyo*  
*Egzílio en el korason.*

**Jefferson:**

Essa poesia foi escrita quando Odmар estava trabalhando como policial no alto Sertão, acredito.

**Alessandra:**

No Sertão ainda moram famílias sefarditas? Porque depois que os portugueses ganharam dos holandeses os judeus fugiram para o Sertão, e outras famílias que foram para Nova Iorque...

**Odmар:**

Não, não. Isso é uma mentira.

**Alekandra:**

Só vinte e três famílias foram para Nova Iorque.

**Odmар:**

Há um autor, já falecido chamado Cecil Roth. Escreveu a *História dos Marranos*<sup>7</sup>. Ele diz: Pernambuco possuía 5500 judeus. Pernambuco, de Alagoas ao Ceará. Saem 600. Como se pode dizer, então, que todas as pessoas foram embora? Se precisa de um marco histórico, senão é como não dizer nada. No livro chamado *Expansionismo brasileiro*<sup>8</sup>, página 32-34, Moniz Bandeira relata: “um conjunto de famílias saiu em 1694 e elas desceram para o Rio da Prata e fundaram o bairro de flores que deu surgimento à cidade de Buenos Aires.”

<sup>7</sup> Cecil Roth, *A History of the Marranos*, Filadélfia, Jewish Publication Society of America, 1947.

<sup>8</sup> Moniz Bandeira, *Expansionismo brasileiro*, Campinas SP, Ed. Philobiblon, 1985.



**Jefferson:**

Então, como se pode então dizer que essas 5000 pessoas simplesmente foram embora? Num mesmo barco? Assim, ocultaram a presença dessas pessoas, sua importância e influência na história da nossa formação.

**Aleksandra:**

Eu venho de uma família “Lavor”, Paes Barreto, dona de engenho aqui em Pernambuco.

**Odmар:**

Não acredito, minha avó comprou uma terra da família Paes Barreto, e eles são meus primos aqui. Toda a família do meu pai, meus primos são Paes Barreto.

**Aleksandra:**

Em 1700, minha família fugiu do Ceará para o Sertão. Eles não querem dar evidência para nossa história (a história dos judeus).

**Jefferson:**

O marco histórico é muito importante para entender a evolução das expressões e dos próprios comportamentos inconscientes de uma comunidade.

**Alessandra:**

Falando da história, vocês conhecem a obra de Samuel Usque, *Consolaçam as Tribulações de Israel?* Que era marrano português, que foi para Antuérpia a serviço de Grácia Nasi?

**Odmар:**

Ah, Grácia Nasi é muito famosa.

**Aleksandra:**

Grácia Nasi é uma figura ilustre.

**Alessandra:**

Eu estou trabalhando sobre Usque e a sua obra, que é muito difícil de entender, como uma dialógica, pastoral. O autor oferece a história dos judeus do princípio até o século XVI, sua época. Ele também oferece um marco histórico muito bem detalhado de todas as tribulações que o povo de Israel sofreu.

**Alessandra:**

Como dizia, a visão desse autor é tipicamente judaica, digo tipicamente mas não sou hebreia, portanto, não posso dizer o que é típico ou não. Mas, observando a literatura judaica, posso observar as características do estilo que envolve uma relação muito estreita com a história, a memória, a identidade. Diferentemente de Bento Teixeira, que é judeu...

**Odmар:**

Bento Teixeira é cristão-novo.

**Alessandra:**

Sim, certo. Bento Teixeira e Samuel Usque compartilham a mesma situação. A diferença é que um foi embora pela Europa, no Velho Mundo, e o outro chegou ao Novo Mundo. O que não é percebido na expressão literária do judeu que permanece na Europa e está mais ligado à história pessoal de Israel. Mas, com Bento Teixeira, existe uma interferência do território.

**Odmар:**

Essa territorialidade não existe, desaparece quando você encontra um cristão-novo cujo irmão era bispo na Argentina e perseguido em Lima, no Peru, pela Inquisição. Abriu-se um inquérito da Inquisição contra ele e ele conseguiu fugir e fugiu com a ajuda do seu irmão que era bispo, mas lá ele foi condenado como judeu. Mas, afinal, tinha bispo judeu? Afinal, ele era judeu ou cristão-novo? Esse homem foge e vai para a Europa. A questão interessante é que existe uma extra-territorialidade no mundo, no nosso continente se carrega isso. Pior: é um mundo separado do mundo real.

**Alessandra:**

A territorialidade sefardita se encontra nos textos?

**Odmар:**

Não é só nos textos, é em uma saudade de 500 anos. Veja bem, como alguém consegue guardar e trazer dentro de si tudo isto, depois de tantos anos? Mais de 500 anos se passaram e as pessoas ainda se afirmando enquanto ibéricas, fora da Ibéria, falando um espanhol antigo e dizendo “somos portugueses”. Mas essas pessoas, sobretudo, carregam essa Península no coração, a eterna saudade. Veja

que situação complexa, e produzindo cultura e arte no tempo que se arvora como uma cultura fora do território estritamente apenas geográfico.

**Alessandra:**

Sim, nesse caso todos os que chegaram ao Brasil foram influenciados pela força da natureza no Brasil, que imagino, há 500 anos era mais forte e poderosa do que agora?

**Odmар:**

A visão do mundo de Bento Teixeira era muito restrita porque Pernambuco só tinha três vilas: Igarassu, Vila Velha e Olinda. Só tinha isso. Daqui só podia sair para Salvador. E agora para onde vai o homem? Ele coloca no seu poema *Prosopopéia* os índios como gigantes difíceis de conquistar, e ele faz aquilo como uma apologia àquele que o protegia, o donatário Jerônimo de Albuquerque Coelho. Ele tinha que agradar, mas a visão de mundo dele era outra. Vamos dar um exemplo, a mãe do Jerônimo de Albuquerque Coelho, dona Brites de Albuquerque. No livro, *Sumidouro do São Francisco*<sup>9</sup>, página 135, de Abdias de Moura: Dona Brites de Albuquerque percebeu que pessoas eram sequestradas por índios canibais de aldeias próximas, e ela percebeu que essas pessoas eram canibalizadas para rituais religiosos. Aleatoriamente, ela aprisionou índios no Alto da Sé, em Olinda, que funcionava como uma torre medieval, e nela amarrou os índios diante dos canhões, para mostrar aos índios que não aceitava mais canibalismo ali.

**Alessandra:**

Esses acontecimentos influenciavam na visão do autor?

**Odmар:**

Para mim não há muita diferença entre o judeu em Portugal e o judeu no Brasil.

**Alessandra:**

Para você não afeta nada?

---

<sup>9</sup> Abdias Moura, *O Sumidouro do S. Francisco. Subterrâneos da Cultura Brasileira*, Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1985.

**Odmar:**

Não, não.

**Jefferson:**

Mas pode ter dentro da literatura de Bento Teixeira coisas cifradas muito interessantes.

**Odmar:**

É preciso levar em consideração que aquela foi a primeira obra escrita, e ele inaugura um tempo. Isso é importante. Não como obra estética, mas como obra histórica. No Brasil, algumas famílias de cristãos-novos zelaram pela história escrita, pela educação.

**Alessandra:**

Falando em educação, o projeto escolástico de Branca Dias...

**Odmar:**

Qual das Brancas Dias, a ideológica ou a real? Eu acredito que a real ficou apenas em Portugal, não chegou de fato no Brasil. Pois, na verdade foi a filha de Branca Dias que veio ao Brasil. Afinal, quando a família veio para o Brasil, a mãe dela já havia sido condenada e morta em Portugal. Não lembro a fonte desses informações.

**Jefferson:**

Branca Dias está impregnada no imaginário nordestino, assim como a descreve um Dias Gomes, um importante dramaturgo baiano, de origem cristã-nova ele mesmo. Dias Gomes, que chega a ser descendente de Branca Dias, e que escreveu *O Santo Inquérito*<sup>10</sup>.

**Odmar:**

Dias Gomes, como bom dramaturgo, pega a história de Branca de Figueiroa e escreveu a obra “O Santo Inquérito”. Essa Branca de Figueiroa é a Branca Dias da Paraíba.

---

<sup>10</sup> Dias Gomes, *O Santo Inquérito*, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1985.

**Alessandra:**

Então, deixamos descansar Odmар, e vou fazer uma pergunta a Jefferson e a Aleksandra sobre a Associação Sefardita de Pernambuco. Quando foi fundada a associação?

**Jefferson:**

A associação fez um ano, ela foi fundada em outubro de 2015.

**Alessandra:**

Quais são as atividades culturais da Associação?

**Jefferson:**

Lançamentos de livros, palestras, feiras culturais e promoção de intercâmbios.

**Aleksandra:**

Agora, estamos organizando também um importante seminário em parceria com o Nethania College, em Israel.

**Jefferson:**

No livro, *Hagadá de Pessach do Sertão*<sup>11</sup>, Aleksandra escreveu uma poesia *Pessach do Sertão*, uma poesia quase no estilo de cordel, muito bonita e muito significativa para todos nós, os descendentes desses judeus forçados de origem ibérica. *Hagadá de Pessach do Sertão* está escrita de forma trilingue: português, hebraico e ladino. Nesse poema, que está no finalzinho do livro, ela, Aleksandra Serbim descreve essa saudade, essa chegada em Pernambuco.

**Alessandra:**

É possível dizer que existe um movimento literário de «saudade sefardita»?

**Aleksandra:**

Bem legal seria.

**Jefferson:**

Ah, também sou poeta e escritor, além de jornalista, e eu também já escrevi e publiquei um livro. O meu Livro Manifesto pode ser interpretado como uma

<sup>11</sup> Aleksandra Serbim e Ilana Koller, *Hagadá de Pessach do Sertão*, São Paulo, Eskenazi Industria Gráfica, 2016.

leitura da atemporiedade que é Pernambuco. Nesse livro, encontramos algumas coisas do mundo cripto-judaico e, conseqüentemente, também do universo da maçonaria, da cabala, etc...

**Alessandra:**

Então, podemos falar de um movimento de escritores?

**Jefferson:**

Mais que a saudade, que será um viés norteador de muito desta dita literatura atual dos marranos de Pernambuco, tudo o que pensamos e tudo que escrevemos é um resgate. Um posicionamento político e histórico, que é permeado pela literatura, pelos estudos acadêmicos. Existe muitas pessoas que colaboram para esse posicionamento. Um exemplo: na sexta-feira (11/11/2016) haverá uma exposição, “Nordeste Semita”, de quadros do pintor olindense Onildo Moreno, que, pelo sentimento naïf de suas pinturas, também tenta, de certa forma, compreender e narrar tudo isso.

**Alessandra:**

A partir de que data há testemunhos literários?

**Jefferson:**

Desde a vinda de Maurício de Nassau, por volta de 1635. Porém, antes disso, já havia judeus aqui, que vieram como cristãos-novos. Mas, somente quando chegam os judeus holandeses é que os que já estavam aqui voltam a praticar abertamente os rituais judaicos. Desde o início do Brasil, tem judeu aqui, mas a nível histórico, como sefarditas, só a partir da vinda de Maurício de Nassau.

**Alessandra:**

No Brasil, quantas pessoas falam judeu-espanhol?

**Odmар:**

Nesse universo, o rabino Jaques Cuekekorn fez a dissertação de Mestrado, e, no mínimo, cerca de 16 milhões de pessoas no Nordeste são descendentes de judeus. Mas destas, apenas 0,001% mantem as tradições, assim, pouquíssimas famílias falam judeu-espanhol, pois são apenas aquelas que foram para o Sertão depois de 1654.

**Alessandra:**

Ficou na fala da população pernambucana alguma expressão que é, na verdade, oriunda do judeu-espanhol?

**Jefferson:**

Sim, “pro mode”, “entonces”...

**Odmар:**

E o costume de colocar a letra “a” antes do verbo, formando “alembro”, “afazer”.

**Aleksandra:**

Eu aprendi assim também.

**Odmар:**

Então, muitas expressões do Sertão têm essa origem. Mas, mais que isso, famílias mantêm as tradições, mesmo sem ligação com rabinos, têm sua origem e costumes judaicos, ainda que frequentem a Igreja Católica.

[...]

No Sertão, o real e o imaginário se misturam. Há um documentário, *A estrela oculta do Sertão*<sup>12</sup>, que vale a pena ser visto.

[...]

**Jefferson:**

Esse regate de cultura não é de agora. Já desde a década de 70 que Odmар começa a procurar e a reunir muitos desses usos e costumes. Antes, através da oralidade, do reconhecimento, através das famílias que reconheciam assim outras e outras famílias.

**Alessandra:**

Tenho uma última pergunta: no Brasil, existe música sefardita? E essa música sofre influência dos ritmos brasileiros?

---

<sup>12</sup> Também disponível no Youtube.

**Odmar:**

O que existe aqui é aquela saudade... conhece, por exemplo, Alceu Valença? Ele é de família cristã-nova. A canção *Anunciação* é muito interessante.

**Jefferson:**

Ele canta alguma coisa dessa saudade e desse misturar o sagrado e o profano cotidiano, de origem hispânica.

**Aleksandra:**

Mas tem também a cantora Fortuna, que é hoje o maior ícone da música sefardita.

**Odmar:**

Ela é de família síria.

**Aleksandra:**

O novo álbum dela é sobre Branca Dias.

**Jefferson:**

Uma das coisas que querem botar no imaginário de todo mundo é que os árabes são uma coisa e os judeus sefarditas outra. Essa dicotomia entre árabes e judeus não tem nada a ver com a gente, não. No Sertão, o canto mouro que o vaqueiro faz não transforma ele no meu inimigo, muito pelo contrário, me mostra toda a grandeza dessa origem ibérica de muitos dos nossos usos e costumes.

**Odmar:**

Na história do povo judeu, eu tenho que ser sincero, a intolerância entre árabes e judeus é recente, cerca de 70 anos. A verdade é que, durante toda a história, só existiram três momentos de intolerância: Maomé foi protegido na cidade de Medina por 22 famílias, todas judias, salvaram ele da morte, ele cria problema com a primeira tribo, depois com a segunda. Os almorávidas, que eram de um lugar chamado Mauritânia, que dominaram os califados da Espanha e de Portugal, então, essas pessoas se tornaram tão intolerantes que obrigaram o maior filósofo judeu, Moshe ben Maimon (Maimônides), a negar sua origem através de uma conversão forçada ao Islã. Depois, somente no século XX surge a Shoah, o holocausto e seus campos, verdadeiras fábricas de extermínio.



*Panaderos de el Mal**Kontra todos los panaderos de el Mal.*

*¡Ay! Los maldichos panaderos  
de el mal.*

*Terríveis*

*andjelos negros  
vistidos de muerte,  
de basho de la yelada mirada  
de sus ojos  
nase el sufrir revijitado  
i la destruiksion*

*siempre yorada.*

*Sus malorozas manos  
de fierro  
solamente lavoran el pan  
de la mizeria  
i konduzen entre solombras  
el seko amargor  
de las senizas.*

*Azer ke*

*si ande pizan  
sus funestos korasones  
eskurren gritos de la sangre  
i ambiertos siempre yoran  
los rios  
de la dolor.*

**Jefferson:**

Muitos momentos de intolerância, mas lembremos Al-Andalus, o período da co-existência entre essas três culturas, a Moura, a Judaica e a Cristã.

**Odmар:**

Não, porque também na Universidade de Córdoba, o acesso era apenas para judeus e mulçumanos. Na Pérsia, apenas esses dois grupos podiam entrar para estudar medicina, física e matemática. Logo, na biblioteca, os exemplares foram

traduzidos pelos judeus que permitiram ao mundo europeu conhecer a álgebra, a medicina...

[...]

assim, é importante perceber que o povo judeu, hoje em dia, é composto por vinte e três etnias distintas que não podem ser separadas, e sim unidas, pois o que existe em comum é a cultura e a mesma religião.

**Jefferson:**

Mas, esse papel de união não pertence à religião, mas às questões políticas e culturais.

**Odmар:**

Todos passamos pela mesma tragédia, pelo mesmo sofrimento. Por isso, por que a dor do outro tem que doer menos? Não pode haver isso. Primeiramente, temos que nos ver como humanos. Afinal, independente da origem étnica, língua que se fale, cor da pele, dos olhos e dos cabelos, somos todos filhos do mesmo D'us e da mesma humanidade.

**Alessandra:**

Há um poeta árabe, Ibn Arabi de Murcia, que viveu no ano 800 d.C., e ele falava precisamente disso. Lembro os seus versos:

*Mi corazón es capaz  
de adoptar todas las formas:  
es un prado para las gacelas  
y un claustro para los monjes cristianos,  
templo para los ídolos  
y la Kaaba para los peregrinos,  
es recipiente para las tablas de la Torá  
y los versos del Corán.  
Porque mi religión es el Amor.  
Da igual a dónde vaya la caravana del amor;  
su camino es la senda de mi fe.*

**Odmар:**

A tristeza hoje que me acomete, quase que como diariamente, é a incrível arte do não saber, principalmente neste país chamado Brasil, como todos os dias

as pessoas saem para trabalhar e como recebem informações e não se informam e ficam sabendo cada vez menos, a chegar ao ponto de esquecer o caminho de casa, e vão entrando em uma caverna e vão acender o fogo e depois vão esquecer de voltar à caverna e vão subir em uma árvore e olhar para a lua. Porque estamos vivendo em uma época em que nunca se informou tanto e, ao mesmo tempo, se nivela tão por baixo o conhecimento humano. O meu trabalho como escritor, e das pessoas que estão ligados à literatura, é tentar mudar essa drástica realidade de uma humanidade que caminha para um futuro um tanto incerto. Dessa maneira, para transformar o futuro é preciso regressar ao passado.

**Alessandra:**

A nossa entrevista acabou: agradeço a gentileza de vocês por participar e contribuir a esclarecer o panorama literário sefardita do Nordeste do Brasil; Obrigada pela importante contribuição.